



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA

9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação

João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida

11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval

António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real

37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais

Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo

47 Defensa de la muralla augustea de Emerita

Miguel Alba

67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado

Ana Patrícia Magalhães

83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga

André Carneiro

97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade

João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias

107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia

Virgílio Lopes

121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas

Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme

131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)

Pedro Matos, Helena Catarino

143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão

Jacinta Bugalhão

157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X

Bruno Franco Moreno

169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)

João António Ferreira Marques

177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)

Alfonso Vigil-Escalera Guirado

187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus

Susana Gómez Martínez

207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves

Rosa Varela Gomes

221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X

Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CAMPESINOS DEL ENTORNO DE TOLEDO EN ÉPOCA EMIRAL TEMPRANA (INICIOS S. VIII A MEDIADOS S. IX D.C.)

Alfonso Vigil-Escalera Guirado

Universidad de Salamanca / aveg@usal.es

Resumen

En estas páginas se resumirán algunos logros recientes en la arqueología de los paisajes rurales de la Alta Edad Media. Nos referiremos especialmente a las novedades vinculadas a los estilos de vida campesinos entre la etapa final del reino visigodo de Toledo y el temprano emirato de Córdoba. Un conocimiento mejorado de las producciones cerámicas de este periodo nos ha permitido caracterizar las secuencias de ocupación de los yacimientos y desvelar los lazos entre asentamientos y cementerios. Poco después del 711, los primeros cementerios con sepulturas de rito islámico sugieren un rápido proceso de conversión religiosa entre el campesinado local. Por otra parte, pueden reconocerse entre 750 y 850 cambios radicales en el patrón de asentamiento hacia una nucleación demográfica en pequeñas ciudades y en torno a fortalezas.

Palabras-clave: Asentamientos, Cementerios, Estilos de vida, Conversión religiosa, Temprano al-Andalus.

Abstract

Some recent achievements in the archaeology of rural landscapes during the Early Medieval period will be summarized in these pages. We will especially refer to the novelties related to peasant lifestyles between the late Visigothic kingdom of Toledo and the early Emirate of Córdoba. An improved knowledge of the coarse pottery wares from this period has allowed us to characterize the occupational sequences of sites and unveil the relations between settlements and their necropoleis. Shortly after 711 AD, the first cemeteries with Islamic graves suggest a swift process of religious conversion to Islam among native peasants. On the other hand, deep changes in the settlement pattern towards a demographic nucleation in small cities and around fortresses can be recognized between 750 and 850 AD.

Keywords: Settlements, Graveyards, Lifestyles, Religious conversion, Early al-Andalus.

1. INTRODUCCIÓN

A diferencia de hace 20 años, mientras se excavaba la aldea de Gózquez, ahora es posible conocer lo ocurrido en algunos asentamientos como aquel tras la conquista islámica. De hecho, apenas se conocía algún detalle sobre ese tipo de sitios rurales, su organización interna, su orientación económica, su arquitectura doméstica o sobre su cultura material en general. El yacimiento no proporcionaba material de aspecto romano ni tampoco nada que recordase a las cerámicas andalusíes de la Marca Media sistematizadas años atrás (Rettuerce 1998). El yacimiento se definía como de época visigoda casi por exclusión, tras el descarte de otras opciones. (Figura 1)



Figura 1 – Vista aérea de un sector de la aldea de Gózquez durante los trabajos arqueológicos (1997-2000).

Aquellas cerámicas tan poco significativas solían por entonces recibir fechas entre el siglo V y el VIII dC, nada menos que con tres frustrantes siglos de indeterminación. Algunos pioneros se habían asomado antes a ese caótico universo bajo el acrónimo CEVPP (cerámicas de época visigoda, precedentes y perduraciones). Luis Caballero, Luis C. Juan, H. Larrén y otros investigadores fueron los responsables de ese impulso pionero que, por desgracia, apenas tuvo continuidad posterior (Caballero 1989; Álvarez 1989; Larrén 1989; CEVPP 1991; Juan & Blanco 1997).

Una vez completado el análisis de la estratigrafía y de los casi 15.000 fragmentos cerámicos recuperados en Gózquez, en 1999-2000 se había logrado poner cierto orden en las primeras fichas del rompecabezas (Vigil-Escalera 1999, 2000). Era posible observar cómo habían ido evolucionando las producciones cerámicas a lo largo de aquellos siglos oscuros, mientras

que las dataciones radiocarbónicas y los datos de nuevos yacimientos permitirían comprobar, a la postre, que el año 711 no era una fecha mágica en la que todo se reiniciaba.

El panorama que puede ofrecerse en la actualidad sobre los campesinos del distrito de Toledo en época emiral temprana (711-825) es el resultado de una etapa prodigiosa de hallazgos y de nuevos yacimientos (Quirós 2018; Vigil-Escalera & Strato 2013; Escalona 2009; más reciente, Portass 2022), pero también de una tarea de sistematización empírica, de análisis y de reflexión intelectual desarrollada de forma sostenida en el tiempo por diferentes especialistas (Figuras 2 y 3).

Las excavaciones de Fuente de la Mora (hoy bajo una autopista), las de los yacimientos exhumados a lo largo de las pistas del nuevo aeropuerto de Barajas o todo lo descubierto antes de ejecutar los nuevos barrios residenciales de Arroyomolinos (entre otros) y del mucho tiempo de estudio que llevaron aparejadas esas intervenciones permiten ofrecer ahora un cuadro no definitivo ni todavía cerrado, pero sustancialmente más rico que el que se tenía antes sobre este periodo. A lo largo de las siguientes páginas se brindará una síntesis de los detalles de ese cuadro en lo que se refiere al tema de la conferencia.

2. ÁMBITO ESPACIAL DEL TRABAJO

Antes de entrar en detalles serán convenientes unos apuntes sobre la región objeto de este trabajo. Se trata de un amplio espacio (más de 9000 km²) delimitado por varias antiguas ciudades romanas (Toledo, Alcalá-Complutum, Segovia, Ávila, Talavera-Caesarobriga) y una de nueva planta, Recópolis, fundada por Leovigildo a finales del siglo VI dC. La distancia existente entre cada uno de estos centros urbanos es considerable, de entre 60 y 90 km. Luego se verá cómo el paisaje rural post-romano, caracterizado por una densa red de asentamientos definidos esencialmente como aldeas, se transformará profundamente al final del periodo que aquí nos interesa, al surgir nuevos polos intermedios en un drástico proceso de concentración demográfica.

Aprovechando el progreso acumulado en el conocimiento de la cultura material de esta época y de las secuencias de ocupación de un buen número de sitios, los principales aspectos que se abordarán en estas páginas serán los siguientes. Se verán en primer lugar los vínculos entre asentamientos y cementerios a lo largo del tiempo, las primeras sepulturas de rito islámico de la región y lo que nos cuentan sobre el proceso

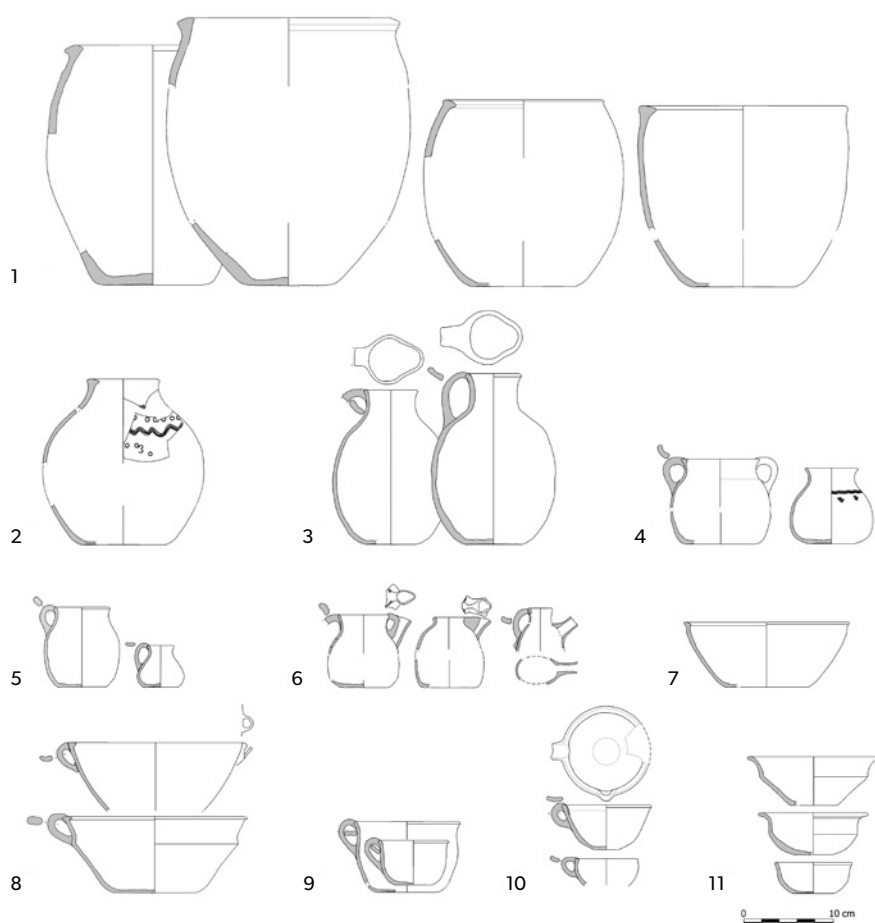


Figura 2 – Tabla de formas de vajilla cerámica a torno lento (Gótzquez, ss. VI-VIII dC). 1. Tinajas; 2. Orza; 3. Jarros; 4. Ollas; 5. Jarritos; 6. Jarritos con pitorro; 7. Barreño; 8. Cuencos grandes con asa y vertedor; 9. Jarros de boca ancha; 10. Tazas; 11. Cuencos (con o sin carena).

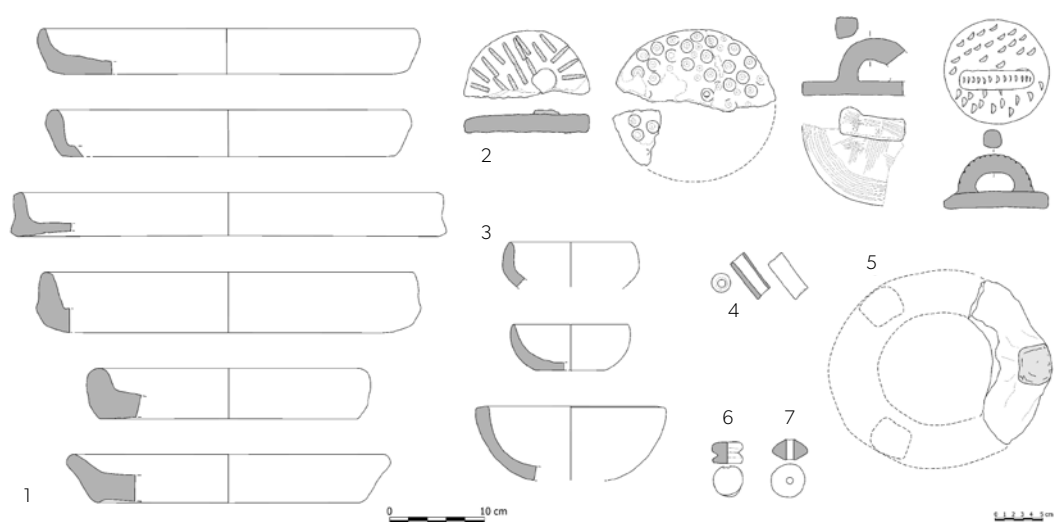


Figura 3 – Tabla de formas de cerámica modelada a mano (ss. VI-VIII dC). 1. Platos de cocción; 2. Tapaderas discoidales; 3. Cuencos; 4. Boquilla tubular; 5. ¿Carrete?; 6. Fusayola; 7. Soporte trípode.

de Islamización, proceso que debería ser convenientemente desglosado en sus diferentes facetas: religiosa, cultural, de costumbres y modos de vida... Se aludirá también a los cambios en el ajuar doméstico y su relación con lo anterior, sus implicaciones económicas y sociales; en tercer lugar veremos en qué consistió esa drástica transformación de los paisajes rurales que supuso la concentración demográfica del campesinado en ciudades (viejas y nuevas) y a la sombra de pequeñas fortalezas; y finalmente se aludirá al papel de las iglesias, antes y después de la conquista islámica, con los elementos más destacados recientemente descu- biertos sobre esta materia. (Figura 4)

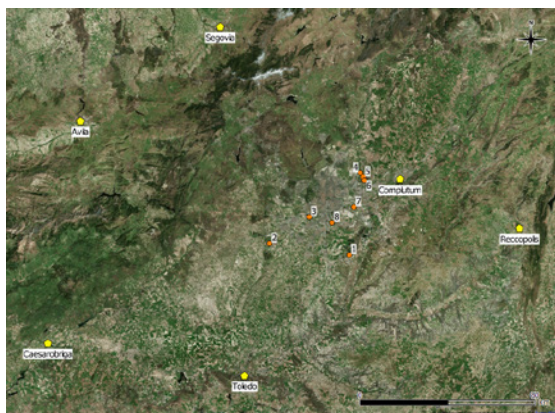


Figura 4 – El territorio en los siglos VI-VIII dC: ciudades y yacimientos rurales citados en el texto. 1: Gózquez; 2: Pelicano; 3: Fuente de la Mora; 4-6: La Huelga, El Soto/Encadenado, Las Charcas; 7: Berrocales; 8: Pista de Motos.

3. ASENTAMIENTOS Y CEMENTERIOS

Se conocen con relativo detalle las secuencias de ocupación de una serie de asentamientos campesinos en esta región. Ubicados siempre a lo largo de ríos y arroyos, forman una densa trama con escasa distancia de unos a otros. La mayor parte ofrece ocupaciones bastante estables que se prolongan a lo largo de varios siglos. Las investigaciones en el distrito rural al Norte de Toledo han permitido trazar una imagen precisa de la estrecha relación existente entre los asentamientos y sus respectivos cementerios.

Lo que ahora parece obvio permaneció, sin embargo, fuera del radar de la investigación durante bastante tiempo. Recordemos que hasta hace poco se conocían de este periodo sólo un puñado de cementerios, y que el moncorde debate académico giraba en torno a ajuares, armamento y migracionismo, o acerca de la influencia de la cristianización sobre los aspectos ma-

teriales e ideológicos de la existencia de esa legión de difuntos. Los avances en nuestra disciplina han permitido constatar cómo los asentamientos de este periodo son bastante estables, en su mayoría de carácter comunitario (plurifamiliares), y dan lugar a cementerios de muchas decenas o centenares de tumbas, lo que acaba con la extravagante idea de la inestabilidad de los pastores visigodos nómadas en pos de sus rebaños. Se comprueba cómo ciertos cementerios se mantienen en activo durante siglos (Gózquez, Pelicano), mientras que otros mutan su ubicación preferentemente a la vez que se producen cambios sociales o ideológicos significativos. En Berrocales, por ejemplo, la necrópolis comunitaria del siglo V dC cambia de lugar en el último tercio o cuarto de esa centuria; el cementerio de época visigoda se forma a unos 350 m al Norte, y dura en ese sitio casi tres siglos, generando unas 820 sepulturas. Pasado el ecuador del siglo VIII, una nueva necrópolis de rito musulmán se origina al Sur, solapándose parcialmente a la primera de las necrópolis conocidas. La de El Pelicano, en cambio, permanece estable desde inicios del siglo V hasta el final de la ocupación de la aldea, en la segunda mitad del siglo VIII dC (Vigil-Escalera 2013). (Figura 5)

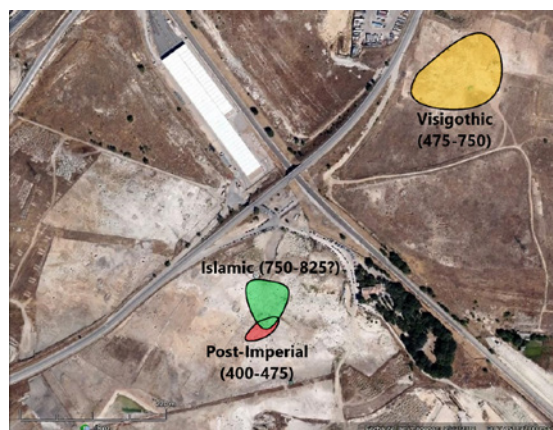


Figura 5 – Áreas funerarias asociadas al asentamiento rural de Berrocales-Ahijones (Vicálvaro, Madrid).

4. INHUMACIONES DE RITO ISLÁMICO

Los primeros testimonios de inhumaciones de rito islámico en la región (La Huelga, El Soto, Las Charcas, Pista de Motos) revelan un ritual complejo y variado, con dos formatos de tumbas diferentes (Vigil-Escalera 2015: 263-6; Rodríguez & Domingo 2006). Son los denominados *lahd* y *saqq*, que según la tradición, caracterizaban el ritual específico de los residentes en Medina

y La Meca en tiempos del Profeta (Ragib 1992). Es evidente que durante el primer siglo y medio del Islam, no todos los aspectos del ritual funerario estaban sometidos aún a los estrictos cánones posteriores. Es más, se constata que los primeros inhumados de acuerdo a los preceptos religiosos del Islam no tienen reparo en hacerlo al lado de sus antepasados o de vecinos que no profesan su misma fe. Esto se advierte con claridad en El Soto, y es algo sobre lo que ya se había llamado la atención al respecto de la necrópolis de Segobriga y de otras *maqabir* tempranas (Manzano 2006: 269-72). Los testimonios arqueológicos sugieren pues que estos primeros cementerios islámicos del distrito rural de Toledo fueron protagonizados por individuos locales recién convertidos a la religión de los conquistadores. (Figura 6)

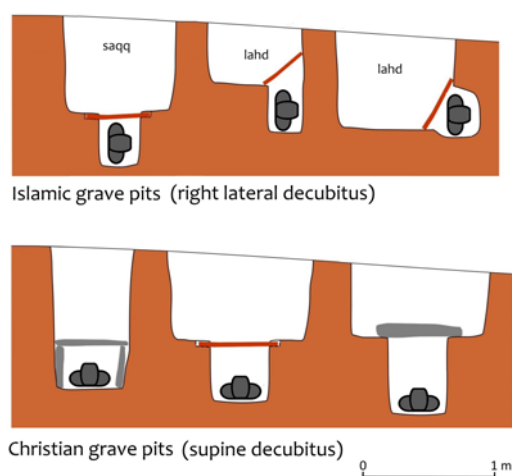


Figura 6 – Tipos de sepulturas de rito islámico (arriba) y de rito cristiano (abajo).

No resulta necesaria una emigración masiva de bereberes u orientales (ni siquiera un aporte demográfico significativo) para explicar el registro material que encontramos durante el primer siglo y medio tras la conquista. Bastaría posiblemente con un liderazgo militar, político y religioso adecuado y capaz de llegar a la mayor parte del territorio para impulsar estos cambios, colmando allí donde fuera factible el vacío ocasionado por la retirada o el paso a un segundo plano de las jerarquías de época visigoda. No deja de resultar sorprendente, por otra parte, el hallazgo en el remoto centro de la Península Ibérica de réplicas tan precisas de tradiciones funerarias cuyo modelo se encuentra en la Arabia de la séptima centuria. El proceso de conversión y el recibimiento de los convertidos al Islam debió estar guiado tal vez por personajes con una capacidad

y una formación destacable, aunque con una evidente disparidad de tradiciones normativas.

5. AJUAR DOMÉSTICO

En lo que concierne a la cultura material, y más concretamente al ajuar doméstico, la cerámica es una destacada protagonista de esta etapa, y de su evolución se pueden derivar sugerentes inferencias de índole histórica. Como se señalaba al inicio, fue necesario conocer bien la vajilla común de época visigoda para llegar a definir los rasgos de las producciones emirales. El trabajo de Alba y Gutiérrez Lloret (2008) ha marcado un antes y un después en el desarrollo de los estudios sobre este asunto.

Los resultados de los análisis desarrollados sobre las producciones cerámicas de los sitios rurales del área toledana señalan que al cabo de poco tiempo tras la conquista (algo más de una generación), las familias campesinas comienzan a utilizar cacharros nuevos, en su mayoría con factura a torno, producidos previsiblemente en alfares suburbanos con procedimientos bastante estandarizados: ollas y cazuelas pequeñas y ligeras de paredes delgadas, jarros, jarras y cuencos. Los repertorios de vajilla de sitios como El Soto/Encadenado hacen posible visualizar el cambio de tendencia entre las producciones tradicionales (mayoritariamente a mano y torneta) y la nueva vajilla elaborada a torno rápido, mucho más estandarizada en sus formas. La hay de pastas decantadas para las piezas del servicio de mesa (cuencos, tazas, jarras y jarros) y de barro selectos para las ollitas o cazuelas, muy ligeras y resistentes, de paredes bastante delgadas. La mercancía parece haberse distribuido razonablemente bien, aunque no es posible conocer si alcanza por igual a todos los rincones de la región (por ejemplo, a las comarcas del piedemonte y la sierra). (Figura 7)

Durante una etapa (alrededor de medio siglo, tal vez algo más) conviven dos tipos de productos muy distintos: la vajilla nueva con la tradicional. Es posible que los contrastes de unos yacimientos a otros puedan deberse incluso a gustos o decisiones condicionadas cultural e ideológicamente. Resulta por el momento difícil de determinar si este cambio en la vajilla utilizada llevó aparejadas nuevas formas de consumo o dieta. En todo caso puede sospecharse que no hubo un cambio drástico. Entre el último tercio del VIII y el primero del IX se aprecia un retroceso significativo en las pautas tecnológicas de las producciones cerámicas tradicionales (tardovisigodas). Tendencias similares parecen aflorar en las producciones de otras zonas del interior

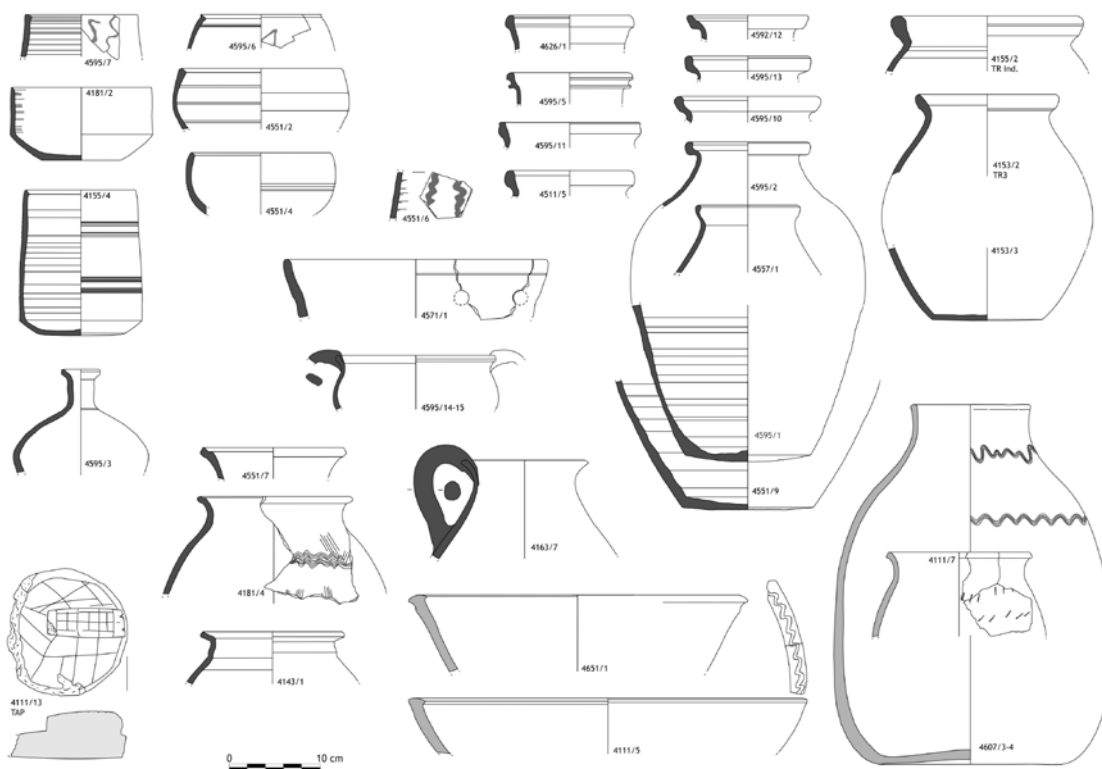


Figura 7 – Vajilla cerámica de época emiral temprana de El Soto (Barajas, Madrid).

peninsular durante este mismo periodo (vasos a torno lento con superficies que presentan huellas incisas muy ligeras de peine, o cepillados irregulares, son muy característicos¹).

La introducción de las primeras piezas de vajilla nueva se produce primero de forma tímida en algunos sitios rurales, pero de manera aparentemente arrolladora en el arrabal toledano de Vega Baja o Guarrazar (Guadamur), donde esos nuevos tipos son mayoritarios desde bastante pronto (Serrano & alii 2016). No debe dejarse de señalar la vinculación aparente de ambas clases de cerámica, tradicional y nueva, a dos ámbitos socioculturales distintos, el campo y la ciudad, tal vez con pautas y procedimientos productivos diferenciados. Las producciones utilitarias no torneadas, mayoritarias en el medio rural y no asociadas a alfares estables sino a focos de producción intermitente en el propio marco aldeano; y las producciones a torno rápido y pastas decantadas, de formas y tipos mucho más estandarizados, procedentes de alfares urbanos o periurbanos, en activo probablemente durante la mayor parte del año.

¹ Véanse por ejemplo las vajillas exhumadas en San Pedro Manrique (Soria) (Crespo & Alfaro 2018).

6. PATRÓN RESIDENCIAL

Los cambios en el patrón residencial de las comunidades rurales constituyen un rasgo peculiar y particularmente relevante de este periodo. Conviene no olvidar que tales patrones condicionan las formas de vida y de trabajo de los campesinos, sus costumbres y comportamientos. Refiriéndose al proceso conocido como *incastellamento*, señalaba Toubert (1973) que no se conocían fundaciones castrales surgidas espontáneamente por voluntad de campesinos, ni concentración voluntaria de los hábitats, y que de esos procesos resultó un incremento de los beneficios de los poderosos, que pudieron afirmar mejor sus prerrogativas políticas y judiciales y su dominio psicológico sobre el campesinado.

Se comentó antes lo estables que habían sido los asentamientos durante los siglos VI y VII y debe recalcar ahora cómo entre mediados del VIII y la primera mitad del IX, todas esas granjas y aldeas detectadas arqueológicamente en el distrito rural de Toledo se despueblan. El abandono de los enclaves rurales de época visigoda no se produce sin embargo de forma sincrónica, a juzgar por las diferencias reconocibles en

los contextos de último uso de los sitios hasta ahora conocidos. En algunos, como Góznquez, la ocupación finaliza probablemente durante la primera mitad del siglo VIII, en otros es posible reconocer actividad hasta la primera mitad del siglo IX. En cualquier caso, ningún asentamiento rural sobrepasa el umbral situado a mediados del IX.

Sobre las causas últimas de ese proceso solo es posible especular, con más o menos coherencia histórica. No se puede descartar que algunas familias o grupos decidieran buscar fortuna o refugio mudándose al Norte peninsular, siguiendo a sus patronos, civiles o religiosos, aunque parece improbable que ese haya sido un factor determinante. En lo que respecta al dónde, al cómo y al cuándo, la arqueología ofrece algunos indicios que merece la pena mencionar. Esas pistas apuntan a una emigración a escala local, la mudanza de muchas de esas familias con sus enseres y propiedades a los arrabales urbanos o a otro tipo de emplazamientos (nuevos o no) de los que hablaremos a continuación. Tal vez el escaso radio de esos desplazamientos permitiera a algunos de sus protagonistas seguir explotando el antiguo parcelario cultivable, en todo o en parte. Este movimiento de corto alcance sería deducible tal vez a partir de la observación de que lo que se perdió de población en unos sitios pudo ganarse en otros hacia las mismas fechas.

En lo que atañe a las posibles razones de la emigración podrían confluir distintos factores. La inestabilidad o falta de seguridad en la zona ha sido un factor contemplado en casos semejantes, del pasado y el presente. Se desencadenaría algo así como una militarización del patrón residencial. Algo similar había ocurrido, de hecho, durante la primera mitad del siglo V dC en muchos territorios peninsulares, cuando se ocupan y fortifican lugares en alto. Es posible además que desde las nuevas instituciones políticas se promoviera decididamente esa concentración de la población, la fundación de nuevas ciudades y la fortificación de pequeños enclaves a lo largo del territorio. La efectividad del nuevo sistema fiscal impulsado por el gobierno andalusí se beneficiaría sin duda de esta concentración demográfica. A ojos de un gobierno formado por una élite muy minoritaria y sostenido por reducidos destacamentos militares, desde esos nuevos centros se habría controlado de forma mucho más efectiva a la población, que sería censable con mayor diligencia. Esta región se convierte además en fronteriza tras los eventos de mediados del siglo VIII (la retirada de las guarniciones bereberes del Norte peninsular tras su levantamiento en los años cuarenta). A la amenaza pro-

cedente de los no suficientemente lejanos enemigos del Norte se sumaría la exaltación de la yihad contra los infieles politeístas.

El resultado sería a fin de cuentas un paisaje nuevo en el que surgen núcleos medianos como Madrid, Talamanca, Alcalá la Vieja o Calatalifa, de carácter urbano (ya no en el sentido clásico, sino en el medieval) y una red de pequeñas fortalezas, en muchos casos coincidentes con los asentamientos fortificados en alto o 'castillos de primera generación': Rivas, Cervera, La Marañosa, Paracuellos... La suerte posterior de estos nuevos asentamientos será desigual: Madrid triunfa a la postre sobre el resto; Talamanca se sostiene pese a algún asalto puntual; Calatalifa se despoblará antes del siglo XIV, y Alcalá la Vieja acabará dejando su sitio al emplazamiento situado en la vega del Henares, al lado de la antigua ciudad romana. (Figura 8)



Figura 8 – Vega del río Jarama en el distrito madrileño de Barajas: localización de las tres necrópolis de rito islámico (ss. VIII-IX dC) y de la fortaleza de Paracuellos.

El nuevo patrón de asentamiento concentrado que se consolida a partir de mediados del siglo IX impulsa probablemente el desarrollo de la actividad comercial y de los mercados y trastoca las anteriores formas de vida del campesinado, aunque la precariedad de los hallazgos de moneda de esta época en la región obliga a ser cautelosos al establecer conclusiones. Alienados de su terruño, los cultivadores se ven obligados en estas nuevas circunstancias a recorrer distancias significativas desde la vivienda hasta sus lugares de trabajo. El nuevo sistema fiscal forzará además a convertir una parte del excedente productivo en moneda para satisfacer las obligaciones con el Estado, provocando con ello una transformación en el tipo de productos cultivados o variando las proporciones vigentes hasta entonces. Es probable que se desarrollaran nuevos espacios de huerta en el entorno de los centros de población que se han señalado. (Figura 9)

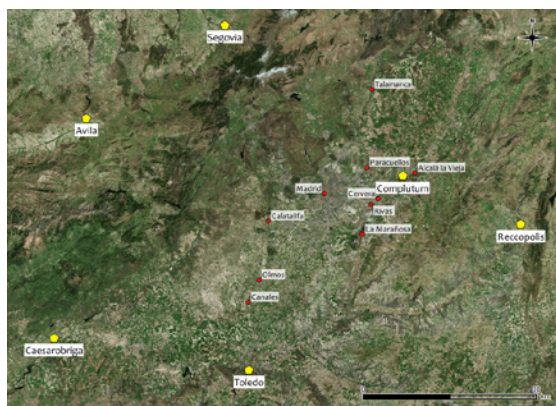


Figura 9 – El territorio a finales del siglo IX dC: antiguas ciudades y nuevas fortalezas.

Sin embargo, en este punto llegamos al tapón representado por la arqueología urbana, que en treinta años se ha revelado incapaz de abordar adecuadamente (y mucho menos resolver) las diversas cuestiones vinculadas al desarrollo de este nuevo urbanismo medieval. A pesar de los centenares de excavaciones e intervenciones arqueológicas realizadas, no se conoce casi nada de relevancia histórica sobre el primitivo núcleo de Madrid (y muy poco sobre Talamanca, Alcalá la Vieja o Calatalifa), y las expectativas de cara al futuro tampoco son halagüeñas.

7. IGLESIAS RURALES

En lo que concierne a las iglesias de este periodo y al conocimiento adquirido sobre ellas en tiempos recientes se pueden comentar algunos aspectos. Los datos revelan que las iglesias o los establecimientos monásticos rurales de esta zona fueron probablemente un elemento vertebrador relevante del paisaje entre los siglos VII y IX dC. El entorno de Toledo estuvo salpicado de construcciones, unas más monumentales que otras, aunque con la distancia esa irradiación se difumina². Los Hitos (Arisgotas), Guarrazar (Guadamur), Valcamino (El Berrueco), San Babilés (Boadilla del Monte), El Rebollar³ (El Boalo) o los hallazgos de elementos arquitectónicos de arquitecturas de prestigio en otros sitios

² Los establecimientos próximos a la antigua capital ostentan la mayor entidad y riqueza, mientras que los alejados parecen más modestos.

³ Se trata del más reciente de los descubrimientos de nuevas iglesias de esta época en la región. Madrileña. Agradezco a Javier Salido y a Charo Gómez Osuna, directores del proyecto, haberme invitado a conocer el sitio.

(Móstoles, Griñón, Valdeolmos, Villaviciosa de Odón) revelan un panorama que apenas se podía sospechar hace poco (Barroso & alii 2015; Rodríguez Morales & alii 2015; Rojas & alii 2017; Oñate & alii 2018; Vigil-Escalera 2019). Es incuestionable que bastantes iglesias funcionaban en el distrito rural toledano desde antes de la conquista islámica y es descartable que otras surgieran tras el año 711. En las nuevas circunstancias de al-Andalus, la religión se convirtió en un elemento aglutinador de identidades y afinidades político-culturales mucho más importante de lo que había sido hasta entonces. No entraremos aquí, sin embargo, en los sugestivos debates suscitados al respecto de la problemática atribución cronológica de muchas de las más afamadas iglesias (Caballero & Utrero 2013; Caballero & Moreno 2016). (Figura 10)

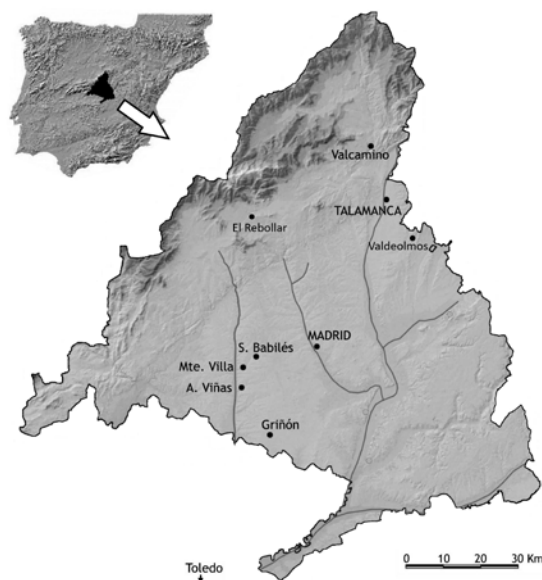


Figura 10 – Mapa de localización de las iglesias rurales conocidas al Norte del distrito toledano (ss. VII-IX dC).

Sabemos que antes de la llegada de los conquistadores musulmanes funcionaba una iglesia en Madrid, en el emplazamiento del que luego sería el de la primera parroquia de la capital, N.S. de la Almudena. Tuvo un presbítero llamado Bocatus que se hizo enterrar allí hacia el año 700. Si esa iglesia se transformó o no en mezquita más tarde es algo que desconocemos. Cuando Alfonso VI conquistó la ciudad en 1083, poco antes de tomar Toledo, restituyó la iglesia madrileña con esa advocación a la comunidad cristiana. La existencia de un rastro inteligible de memoria entre la gente de Madrid de mediados del siglo IX y la de finales

del XI sería algo razonable, a mi juicio. Algo parecido ocurre en Boadilla, donde una nueva iglesia de San Babilés (en ladrillo, de estilo románico mudéjar) se construye en el mismo emplazamiento que había tenido el templo de piedra de la segunda mitad (*circa*) del siglo VII dC (Oñate & alii 2018).

Al margen de las iglesias de las pequeñas ciudades como Madrid o Talamanca, vestigios de varios templos rurales han sido localizados en este territorio, y lo sorprendente es que no parecen asociarse a asentamientos importantes, sino que ocupan posiciones que podrían haber sido centrales solamente para las aldeas de su entorno, a entre 3 y 10 km de distancia. Sus promotores tal vez hayan jugado un papel importante en la vida social de comunidades que englobaban a varias aldeas vecinas con intereses compartidos en sus respectivos territorios o espacios de aprovechamiento colectivo. Algunas iglesias (como la de Monte de la Villa) fueron demolidas a lo largo de la primera mitad del siglo IX (parte de sus restos constructivos aparecieron en fosas fechadas en ese momento), aunque parece posible que los vecinos continuaran reuniéndose en algunos de esos lugares para festejar, comerciar y resolver pleitos hasta muchos siglos más tarde (Vigil-Escalera 2019).

8. EPÍLOGO

Desde el gran evento de concentración demográfica consumado en el siglo IX, los campos del distrito rural toledano al Norte del Tajo no vuelven a ser colonizados con asentamientos dispersos (caseríos, granjas, aldeas) hasta los siglos XII o XIII, tras la definitiva retirada de la frontera al Sur del Tajo. Tal vez sea interesante cuestionarse hasta qué punto el proceso observado en esta región se repite en otros territorios con pautas similares o variantes, y si el aludido ‘efecto frontera’ podría ser considerado el principal desencadenante de estos comportamientos o si otros factores podrían explicarlos mejor.

Tirar del hilo de la cerámica nos ha llevado bastante más lejos de lo que hubiésemos podido prever, como espero haber justificado en las páginas anteriores y aunque haya sido de manera extremadamente sucinta. Se han dado pasos importantes en la reconstrucción de la historia de un territorio durante una época hasta hace poco muy mal conocida. El procedimiento seguido es el de una curva ascendente, sin atajos, comenzando por el análisis de la cerámica para llegar al de los asentamientos y los cementerios y sus respectivas secuencias. Se trata a mi juicio de un conocimiento

sólido y bien fundamentado, en el que todavía cabe la discusión sobre innumerables aspectos, pero en las antípodas de ese otro relato histórico construido desde arriba y no pocas veces trufado de presunciones ideológicas, que tiende a amoldar la materialidad de la evidencia arqueológica a unos intereses historiográficos concretos o que relega el análisis de los datos a la subalternidad o a la irrelevancia.

BIBLIOGRAFÍA

ALBA CALZADO, Miguel; GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (2008) – Las producciones de transición al mundo islámico: el problema de la cerámica paleoandalusí (siglos VIII y IX). In Bernal Casasola, Darío; Ribera Lacomba, Albert, eds. *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 585-613.

ÁLVAREZ DELGADO, Yasmina (1989) – Cerámicas del siglo IX de Arcávida (Cuenca). *Boletín de Arqueología Medieval* 3, pp. 109-122.

BARROSO, Rafael; CARROBLES, Jesús; MORÍN, Jorge; Sánchez Ramos, Isabel M. (2015) – *Los Hitos, Arisgotas (Orgaz, Toledo). De palacio a panteón visigodo*. Orgaz: Ayuntamiento de Orgaz (2ª ed corregida 2018).

CABALLERO ZOREDA, Luis (1989) – Cerámicas de época visigoda y postvisigoda de las provincias de Cáceres, Madrid y Segovia. *Boletín de Arqueología Medieval* 3, pp. 75-108.

CABALLERO ZOREDA, Luis; UTRERO AGUDO, Mª Ángeles (2013) – El ciclo constructivo de la alta Edad Media hispánica. Siglos VI-II-X. *Archeologia dell'Architettura* 18, pp. 127-146.

CABALLERO ZOREDA, Luis; MORENOMARTÍN, Francisco J. (2016) – Sobre la dimensión epistemológica e histórica de una propuesta historiográfica. El modelo explicativo mozarabista. In Käflein, Ines; Staebel, Jochen; Untermann, Matthias (eds.) – *Im Schnittpunkt der Kulturen. Architektur und ihre Ausstattung auf der Iberischen Halbinsel im 6.-10./11. Jahrhundert (Cruce de culturas. Arquitectura y su decoración en la Península Ibérica del siglo VI al X/XI)*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, pp. 299-330.

C.E.V.P.P. (1991) – Cerámicas de época visigoda en la Península Ibérica. Precedentes y perduraciones. In da Silva, Luis Alves; Mateus, Rui (coords.), *IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 16-22 novembro 1987)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 49-67.

CRESPO DÍEZ, Manuel; ALFARO PEÑA, Eduardo (2018) – La cerámica altomedieval del Alto de los Casares (San Pedro Manrique, Soria). In Martín Viso, Iñaki; Fuentes, Patricia; Sastre, José C.; Catalán, Raúl (coords.), *Cerámicas altomedievales en Hispania y su entorno (s. V-VIII d.C.)*. Valladolid: Glyphos, pp. 351-378.

ESCALONA MONGE, Julio (2009) – The early Castilian peasantry: an archaeological turn? *Journal of Medieval Iberian Studies*, 1:2, pp. 119-145.

HERRERA VIÑAS, Teresa; NUÑO MORENO, Antonio; CUESTA SALCEDA, Marta; *et alii* (2017) – La necrópolis del yacimiento ‘Ermita Virgen de la Torre’ durante la antigüedad tardía. *Zona arqueológica* 20:2, pp. 247-253.

JUAN TOVAR, Luis C.; BLANCO GARCÍA, Juan F. (1997) – Cerámica común tardorromana, imitación de sigillata, en la provincia de Segovia. Aproximación al estudio de las producciones cerámicas del siglo V en la Meseta Norte y su transición al mundo hispano-visigodo. *Archivo Español de Arqueología* 70, pp. 171-220.

LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia (1989) – Materiales cerámicos de La Cabeza: Navasangil (Ávila). *Boletín de Arqueología Medieval* 3, pp. 53-74.

MANZANO MORENO, Eduardo (2006) – *Conquistadores, emires y califas. Los Omeyas y la formación de al-Andalus*. Madrid: Crítica.

OÑATE BAZTÁN, Pilar; RODRÍGUEZ MORALES, Jesús; SANGUINO VÁZQUEZ, Juan (2018) – *San Babilés. Espacio funerario religioso. Arqueología de una tradición*. Boadilla del Monte: Ayuntamiento de Boadilla.

PORTASS, Robert (2022) – The archaeology of peasant protagonism: new directions in the early medieval countryside. *Rural History* (2022), doi: 10.1017/S0956793322000127

QUIRÓS CASTILLO, Juan A. (2018) – The future of medieval archaeology in Spain. Reflections and proposals. In Quirós Castillo, Juan A. (ed.), *Treinta años de arqueología medieval en España*. Oxford: Archaeopress archaeology, pp. 1-20.

RAGIB, Yusuf (1992) – Structure de la tombe d’après le droit musulman. *Arabica* 39: 3, pp. 393-403.

RODRÍGUEZ CIFUENTES, Miguel; DOMINGO PUERTAS, Luis A. (2006) – Las Charcas, un asentamiento rural visigodo en la vega del Jarama. *Zona Arqueológica* 8:2, pp. 432-445.

RODRÍGUEZ MORALES, Jesús; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso; VILLA DEL CASTILLO, Alejandro (2015) – La posible iglesia rural altomedieval de La Solana I (Móstoles, Madrid). El carácter central de su emplazamiento y sus posibles vínculos con el poblamiento aldeano. *Lucentum* 34, pp. 343-361 doi: 10.14198/LVCENTVM2015.34.17

ROJAS RODRÍGUEZ-MALO J. Manuel; EGER, Chistoph; CATALÁN RAMOS, Raúl; GARCÍA VACAS, Luis (2017) – Wo einst goldene Kronen und Kreuze verborgen wurden – Neue Ausgrabungen in Guarrazar. Vorbericht zu den Kampagnen 2013 und 2014. In Panzram, Sabine (ed.), *Oppidum-Civitas-Urbs. Städtetforschung auf der Iberischen Halbinsel zwischen Rom und al-Andalus*. Berlin: Lit verlag, pp. 563-595.

RETUERCE VELASCO, Manuel (1998) – *La cerámica andalusí de la Meseta*, 2 Vols. Madrid: CRAN.

SERRANO HERRERO, Elena; TORRA PÉREZ, Mar; CATALÁN RAMOS, Raúl; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2016) – La

cerámica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara. In Vigil-Escalera Guirado, Alfonso; Quirós Castillo, Juan A. (eds.), *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante Noroeste de la península Ibérica (siglos V-X)*. [Documentos de Arqueología Medieval 9]. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 279-313.

TOUBERT, Pierre (1973) – *Les structures du Latium médiéval. Le Latium méridional et la Sabine du IX^e siècle à la fin du XII^e siècle*. 2 vols. [Bibliothèque des Écoles françaises d’Athènes et de Rome, 221]. Roma : École française de Rome.

VEGA MIGUEL, Jorge; MENDUIÑA GARCÍA, Roberto; HERRERA VIÑAS, Teresa *et alii* (2014) – La necrópolis hispanovisigoda de Estevillas-Virgen de la Torre (Madrid). In *Actas de las octavas Jornadas de Patrimonio Arqueológico en la Comunidad de Madrid (16-18 noviembre 2011)*. Madrid: BOCAM, pp. 525-530.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (1999) – Evolución de los morfotipos de cerámica común de un asentamiento rural visigodo de la Meseta (Gótzquez de Arriba, San Martín de la Vega, Madrid). *Arqueohispania* 0, [on-line] available at <https://www.exofficinahispana.org/Articulos%20y%20Comunicaciones/BO0093.doc>.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2000) – Cabañas de época visigoda: evidencias arqueológicas del Sur de Madrid. Tipología, elementos de datación y discusión. *Archivo Español de Arqueología* 73, pp. 245-274.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2013) – Prácticas y ritos funerarios. In Quirós Castillo, Juan A. (ed.), *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinado en el interior peninsular*. [Documentos de Arqueología Medieval 6]. Bilbao: UPV/EHU, pp. 259-288.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso; Strato (2013) – El registro arqueológico del campesinado del interior peninsular en época altomedieval. In Quirós Castillo, Juan A. (ed.), *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinado en el interior peninsular*. [Documentos de Arqueología Medieval 6]. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 65-259.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2015) – La identidad de la comunidad local y las afiliaciones individuales en necrópolis de la Alta Edad Media (400-900 AD). In Quirós Castillo, Juan A.; Castellan, Santiago (eds.), *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*. [Documentos de Arqueología Medieval 8]. Bilbao: UPV/EHU, pp. 249-274.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2019) – Meeting places, markets, and churches in the countryside between Madrid and Toledo, central Spain (c. AD 500-900). In Escalona, Julio; Vésteins, Orri; Brookes, Stuart (eds.), *Polity and neighborhood in Early Medieval Europe*. [The Medieval Countryside 21]. Turnhout: Brepols, pp. 173-202.

